

## **NARRATIVAS DOCENTES NA PANDEMIA EM 2020: DESAFIOS, APRENDIZAGENS E SUBJETIVIDADES**

*Juliane de Sousa Silva Muraro <sup>1</sup> e Alberto Albuquerque Gomes <sup>2</sup>*

### **Resumo**

O artigo se baseia num conjunto de excertos extraídos de cartas recebidas de docentes da educação básica da rede pública estadual paulista no ano de 2021. Assim, apresentaremos uma reflexão sobre os desafios, as aprendizagens e as subjetividades docentes no contexto da pandemia no ano de 2020. Como procedimentos, enviamos a um conjunto de professores da educação básica, uma carta na qual solicitamos que nos relatassem como eles têm enfrentado o quadro desenhado pela pandemia da Covid-19, que tem atingido toda a sociedade, inclusive a escola. Pedimos que nos detalhassem o impacto desse novo normal, sentimentos derivados disso, as ações empreendidas ao lidar com este novo contexto e suas impressões sobre como gestores da escola e do estado têm administrado tais questões. Alguns dos relatos contidos nas cartas apontaram os seguintes aspectos: 1. a surpresa e insegurança entre os professores; 2. a resiliência e empatia que têm caracterizado as ações dos professores dessa escola para o acolhimento mútuo e dos pais e estudantes os quais têm sido duramente atingidos; 3. várias dificuldades têm sido verificadas para lidar com instrumentos tecnológicos que não faziam parte do cotidiano dos professores; 4. expectativas favoráveis para o desfecho dessa pandemia e práticas futuras no contexto escolar. Concluímos que foram muitas as dificuldades enfrentadas pelos professores ao lidarem com o processo de ensino e aprendizagem no contexto da pandemia, porém tais obstáculos foram superados, de modo que reafirmou-se a importância do papel docente e da escola como espaço de trocas e de difusão do saberes.

**Palavras-chave:** Pandemia; Tecnologia; Narrativas; Resiliência.

## **TEACHING NARRATIVES IN THE 2020 PANDEMIC: CHALLENGES, LEARNINGS AND SUBJECTIVITIES**

### **Abstract**

The article is based on a set of excerpts extracted from letters received from teachers of basic education in the state public network of São Paulo in the year 2021. Thus, we will present a reflection on the challenges, learning and

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

<sup>2</sup>Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) e do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP.



subjectivities of teachers in the context of the pandemic in 2020. As procedures, we sent a letter to a group of basic education teachers in which we asked them to tell us how they have faced the situation created by the Covid-19 pandemic, which has affected the whole of society, including the school. We asked them to detail the impact of this new normal, feelings derived from it, the actions taken in dealing with this new context and their impressions on how school and state managers have managed such issues. Some of the reports contained in the letters pointed out the following aspects: 1. the surprise and insecurity among the teachers; 2. the resilience and empathy that have characterized the actions of the teachers of this school for the mutual reception and of the parents and students who have been hard hit; 3. several difficulties have been observed in dealing with technological instruments that were not part of the teachers' daily lives; 4. favorable expectations for the outcome of this pandemic and future practices in the school context. We conclude that there were many difficulties faced by teachers when dealing with the teaching and learning process in the context of the pandemic, but these obstacles were overcome, so that the importance of the teaching role and the school as a space for exchanges and diffusion was reaffirmed. of knowledge.

**Keywords:** Pandemic; Technology; Narratives; Resilience.

## 1. Introdução

O panorama que se desenha com cores cada vez mais assustadoras no Brasil como um todo, em especial na educação com o advento da pandemia da COVID-19, é inédito para nossa população. Há um século vivenciamos uma crise sanitária cujo precedente mais grave foi a gripe espanhola e não esperávamos que isso ocorresse novamente.

Temos convivido com episódios esporádicos de doenças endêmicas e sazonais como doença de chagas, dengue, Chikungunya, zika, febre amarela que apesar de preocupantes não são tão devastadoras como a COVID-19 - doença infecciosa causada pelo vírus (SARS-CoV-2) a qual se caracteriza por sintomas tais como: febre, cansaço e tosse seca, facilmente transmissível, de modo que pode provocar diversas complicações para a saúde do indivíduo, levando-o, inclusive, a óbito.

O cenário educacional que visualizamos nesse contexto pandêmico, inimaginável, há dois anos, foi o de escolas com portões fechados; estudantes distantes das salas de aula; professores assustados com mudanças abruptas no seu fazer, tendo que reinventar aquilo para o qual foram preparados em sua formação inicial - ensinar; pais e mães, muitos com baixas taxas de escolarização, sem meios de ajudarem seus filhos os quais estavam estudando de maneira remota, em casa.

Esse cenário com escolas fechadas em diversos países, talvez não fosse visto desde a Segunda Guerra Mundial. Isso evidencia que devemos dirigir

especial atenção à educação escolar, e ouvir os sujeitos protagonistas desta história – estudantes, professores e pais.

Nesse contexto, convém ressaltar que a Pandemia mundial provocada pela propagação da COVID-19, a partir do início de 2020, nos colocou novos desafios para a Educação. Como ministrar aulas na modalidade à distância para os estudantes da Educação Básica? É possível desenvolver o ensino e aprendizagem através do Ensino Remoto? As escolas públicas possuem as condições adequadas? Os profissionais da educação têm formação específica para lidar com as demandas tecnológicas e digitais para promoção das aulas virtuais? Será que as famílias conseguiram auxiliar na educação dos filhos no Ensino Remoto? O Ensino Híbrido será a próxima realidade da Educação nos próximos anos?

Todos estes questionamentos chegaram ao espaço escolar trazendo dúvidas e incertezas. E mais do que nunca, entendemos que é preciso refletir sobre o ofício da docência e os novos modos de se pensar e fazer Educação. Por isso, para este artigo, o nosso objetivo é apresentar uma reflexão sobre os desafios, as aprendizagens e as subjetividades docentes no contexto da pandemia no ano de 2020.

De modo geral, percorre entre docentes a ideia de que a pandemia obriga o professor a se reinventar. Reinventar a profissão, o jeito de ser, as formas de relacionamento com o outro, especialmente com os estudantes, público cativo com o qual passamos boa parte de nosso tempo. Isso implica num processo tão denso como aquele empreendido na formação inicial e na construção da identidade profissional. Nóvoa (1999), em seu livro *Profissão professor*, nos alerta sobre iniciativas e experiências que nos levam à construção do ser professor que, apesar de parecer simples, revela-se deveras complexo, uma vez que isso implica em que o professor é sujeito dessas ações marcadas pela necessidade de se reinventar cotidianamente.

Em situações normais, esse reinventar-se exige envolvimento emocional, afetivo e racional com outros sujeitos. Mas como isso ocorre quando o professor é premido pelos desafios da pandemia da COVID-19? Temos que considerar que além das dificuldades intrínsecas do próprio professor, há as dificuldades que chamaremos de extrínsecas, ou seja, aquelas inerentes à ação pedagógica; nesse contexto, o professor precisa lidar com suas próprias dificuldades e mediar a construção de saberes e conhecimentos de outros sujeitos. Essa responsabilidade se amplia, uma vez que está sob sua incumbência conduzir esse processo considerando suas próprias dificuldades, as dos colegas e as dificuldades do outro (estudantes). Portanto, como será que o professor está enfrentando tais dificuldades e usando a tecnologia e os novos comportamentos que a situação impõe?

Diante de tudo o que foi mencionado e tendo como parâmetro o objetivo a que nos propusemos neste artigo, os tópicos seguintes estão delineados do seguinte modo: no item 2, apresentamos os procedimentos metodológicos articulados ao nosso referencial teórico em cujos autores pautamos nossas análises; no item 3, discorreremos sobre os desafios das tecnologias digitais nas

escolas tomando como foco de análise os aspectos da formação docente e da prática pedagógica; no item 4, analisamos as cartas dos docentes sob o viés de seus relatos acerca dos desafios, das aprendizagens e das subjetividades docentes no contexto da pandemia no ano de 2020, defendendo esse instrumento (a carta) como forma de organizar o pensamento e de potencializar reflexões e aprendizagens sobre a prática docente; no item 5, discorreremos sobre as dimensões (desafios, aprendizagens e subjetividades) encontradas nos relatos docentes por meio das cartas; e, por fim, no item 6, tecemos nossas considerações finais.

## **2. Procedimentos: referencial teórico**

Tendo em vista o pano de fundo esboçado acima e as questões suscitadas, iniciamos um trabalho de escuta das vozes docentes para a construção de um diagnóstico reflexivo sobre o fazer docente em tempos de quarentena no contexto da pandemia de 2020. Assim, surgiu a proposta de pesquisa com o seguinte tema “Narrativas docentes na pandemia 2020: dificuldades, desafios, aprendizagens e subjetividades”. O trabalho está vinculado ao Grupo de pesquisa “Profissão docente: Formação, Identidade e Representações Sociais”, inserido no Programa de Pós - Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia - (UNESP), o qual tem como foco de investigação a questão da formação de professores e a construção da identidade profissional desses sujeitos, com o devido registro de parecer favorável do Comitê de Ética (Parecer nº 2.598.616).

Destarte, para a apresentação desse trabalho, estabelecemos um recorte derivado da investigação maior. Nesse recorte, nos debruçamos ouvindo professores da educação básica. Para tanto, foi endereçada uma carta aos docentes na qual solicitamos que, através de uma carta-resposta, nos contassem sobre suas impressões, sentimentos e perspectivas diante dessa experiência à qual estamos submetidos.

Nossa escolha pelas narrativas, especialmente pelas cartas, deveu-se ao nosso entendimento de que a narrativa é uma forma através da qual o protagonista relata sua experiência como se contasse uma história, isso é, pensasse sua experiência como se a revivesse assegurando-lhe maior liberdade do que se tivesse que responder perguntas de um roteiro de entrevista. A opção pela carta foi inspirada em Soligo (2018) que nos provoca dizendo que se:

[...] considerarmos que os gêneros discursivos se constituem sempre a partir de intenções comunicativas e necessidades de interação humana que se impõem em determinado momento, podemos afirmar que a carta é, sim, um gênero – nascido há muito tempo, a partir da necessidade de comunicação pessoal à distância. (SOLIGO, 2018, p. 63).

Saveli (2006), ao nos apresentar as narrativas como recurso metodológico, como as cartas, utilizadas neste artigo, define que:

As narrativas autobiográficas ou memoriais estão no campo da história oral que abarca estudos entre memória e história, trajetórias pessoais, biografias, autobiografias e histórias de vida. O exame de narrativas memorialísticas, autobiografias, diários vem se constituindo como uma tendência metodológica no contexto da pesquisa. Essa tendência do escrever-se tem lugar na historiografia e representa esforços individuais no sentido de construir uma versão longitudinal do si-mesmo. (SAVELI, 2006, p. 63).

Creemos, assim, que a opção pelo uso das cartas aliado à análise das narrativas nelas contidas “[assegura] um caminho feliz para a pesquisa” (GOMES, 2005, p. 276). Considerando que, vivemos episódios que recomendam, a todo o momento, protocolos de segurança que envolvem o afastamento social, entendemos que a carta seria uma estratégia favorável e segura.

Os sujeitos participantes da pesquisa, aqui denominados de interlocutores, foram convidados a escrever uma carta, a qual foi entregue por meio digital. Nessa carta, foram contemplados aspectos como: sua história pessoal (idade, naturalidade etc.); sua trajetória de formação (há quanto tempo foi e em qual lugar); processo de sua formação e trajetória profissional; experiências como docente em tempos de pandemia, as dificuldades e os desafios vivenciados que marcaram sua atuação como professor no contexto de educação remota; sentimentos despertados nesse contexto; movimentos de mudanças enfrentados; aprendizagens neste novo fazer docente; entre outros pontos que considerassem relevantes.

As narrativas escritas pelos participantes da pesquisa trouxeram diversos elementos dos registros das memórias da vida cotidiana docente durante a crise provocada pelo novo coronavírus, relatando experiências sobre a vida docente durante a pandemia. Cabe lembrar as ideias de Jeanne Marie Gagnebin, no prefácio das Obras Completas de Benjamin (1993) sobre os cuidados no trabalhar com a memória, pois, para compreender os sentidos de alguns fatos narrados pelos sujeitos pesquisados, precisamos entender os diversos aspectos da memória, sendo que rememoração afeta a prática do sujeito, uma vez que é sempre um processo de reflexão. Assim, ao trabalhar com a memória, tem-se que ficar atento ao aspecto da representação, uma vez que nas narrativas podemos nos deparar com memórias seletivas, memórias imperfeitas, memórias filtradas, mas isso faz parte do aspecto da pesquisa, o que aquilo representou para o sujeito pesquisado é o que vigora na ação do presente.

E um dos desafios impostos aos sujeitos que atuam na docência, observados nas narrativas, referem-se às novas tecnologias digitais no contexto da educação pública. Isto posto, entendemos que se faz necessário trazer algumas reflexões sobre os desafios das Tecnologias Digitais para a educação do século XXI, é o que abordaremos no tópico seguinte.



### **3. Desafios das Tecnologias Digitais na escola: formação docente e prática pedagógica**

As pesquisas ligadas ao uso das tecnologias voltadas para a Educação ainda são bem recentes do ponto de vista histórico. O desenvolvimento das tecnologias digitais e midiáticas alteraram as formas de ser, estar e conviver no mundo. Entretanto, os espaços escolares ainda não haviam conseguido incluir os dispositivos eletrônicos, digitais e as novas formas de comunicação virtuais na sua prática pedagógica. Diante disso, a Pandemia nos obrigou a encarar esta nova realidade da cultura digital.

Quando a realidade do ensino remoto chegou à escola, como consequência das medidas de prevenção da Pandemia, os docentes, os estudantes e as famílias tiveram uma legítima preocupação de como se daria a continuidade das atividades escolares em meio ao distanciamento social. E todos da comunidade escolar, tiveram muitas dificuldades em relação ao acesso, questões estruturais, questões práticas de como operacionalizar as ferramentas virtuais e a falta de cultura formativa ligada às novas TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação).

Nesse relato que construímos, entendemos ser necessário pensarmos na seguinte questão: que saberes e competências são exigidos do professor em tempos de pandemia? Tal questão se torna deveras relevante, pois, os professores estão imersos num contexto em que se exige cada vez mais o domínio de saberes e habilidades que não são desenvolvidos no contexto da formação inicial e da formação continuada.

Segundo Modelski, Giraffa e Casartelli (2019), podemos identificar quatro grandes competências requeridas: fluência digital; prática pedagógica; planejamento e mediação pedagógica relacionadas num contexto no qual o acesso e o domínio de ferramentas digitais assumem protagonismo, que colocam o professor como sujeito que estava preparado para executar atividades cotidianas e profissionais em espaço presencial, necessitando adequar suas ações, que precisam ser reaprendidas num espaço denominado pelas autoras como "ciberespaço".

Com as condições que se apresentam segundo as quais os professores se deparam com um momento em que as atividades em sala de aula são compulsoriamente suspensas, entendemos que seja importante que o professor se torne o principal mediador e articulador das ações na sala de aula virtual.

Sabemos que, em face aos grandes avanços tecnológicos e informáticos que testemunhamos, notadamente a partir do último quarto do século 20 adentrando ao século 21, têm colocado à nossa disposição um rol incalculável de instrumentos e ferramentas para comunicação digital.

O grande desafio que se coloca para as escolas hoje é o acompanhamento das mudanças necessárias para sua inserção na cultura digital. Por muito tempo, a escola se sustentou em processos de ensino voltados para memória. O surgimento da internet proporcionou um avanço com relação ao armazenamento

e compartilhamento das informações. Neste sentido, a escola não pode ser mais colecionadora de conteúdo, com salas de aula nos moldes do século XVIII, ou seja, apenas giz, quadro negro, papel e caneta.

Atualmente, nossos estudantes adentram à escola com enorme cabedal de conhecimentos sobre informática e uma infinidade de informações as quais têm acesso nos diversos canais de comunicação virtuais. No entanto, notamos que os estudantes demonstram uma desorganização para o uso das tecnologias e informações virtuais de forma a conseguirem gerar aprendizagens realmente significativas para seu desenvolvimento pessoal e escolar. Não basta apenas acessar a informação, mas utilizá-la no desenvolvimento de uma atividade de forma autônoma e criativa.

Isso posto, a escola tem um importante papel hoje com o processo de ensino e aprendizagem que permita construir conhecimento a partir daquilo que faz sentido para os estudantes. A cultura digital faz parte do modo de ser e estar no mundo das crianças e jovens, de maneira que a escola precisa auxiliar, na construção de uma maturidade intelectual e crítica no uso e na apropriação das tecnologias.

Portanto, entendemos que o docente se vê frente a uma gama infindável de necessidades a serem atendidas, a saber: as decorrentes da crise sanitária (pandemia) e aquelas especificamente requeridas ao seu ofício.

As cartas que recebemos nos permitem desenvolver algumas reflexões sobre como o docente tem enfrentado tais dificuldades.

#### **4. Cartas para organizar pensamentos**

As cartas podem ser vistas como artefatos culturais construídos por sujeitos imersos em determinado tempo/espço, codificadas atendendo a determinadas normas e convenções geralmente aceitas socialmente. São, portanto, elementos importantes que permitem a sobrevivência de regras e rituais compartilhados pelos membros de um grupo, e ao leitor externo, (ouvinte/leitor), é facultado compreender melhor as circunstâncias nas quais foi escrita.

Dentre as respostas que recebemos à nossa primeira carta, selecionamos trechos de três cartas que nos parecem tentativas de organizar pensamentos.

Quando nossos interlocutores se referiram à atividade em sala de aula, temos o depoimento de Moisés que assim se expressou, destacando a surpresa e as dificuldades enfrentadas pelos professores diante do novo "normal", notadamente os professores mais antigos.

*Quanto às aulas, os professores de sobremodo paulistas depararam-se, repentinamente, com a educação à distância (EaD). O Google Meet, o Zoom, o Centro de Mídias, dentre outros, passaram a fazer parte, inevitavelmente, da nova rotina dos*

*professores. Compreendo as dificuldades que os professores mais antigos sentiram nesse momento, pois esses recursos tecnológicos e o próprio distanciamento social não foram fáceis, nem mesmo para os mais jovens. Não por acaso, nesses tempos de pandemia, muitos professores se aposentaram e outros se afastaram. (Excerto da carta de Moisés).*

Essa reflexão nos permite dimensionar o impacto desse novo cotidiano que atingiu os personagens na/da escola, especialmente os professores, indiscriminadamente. Diante disso, cabe destaque ao afastamento e à aposentadoria os quais denotam o “mal-estar” que tem atingido os professores.

Talvez, tal fato se deva pelo receio de suas defasagens formativas, e também por negativismos arraigados nas mentalidades docentes sobre a possibilidade de as tecnologias ocuparem o lugar do professor.

Vemos, ainda, o clima de insegurança e desconfiança em relação ao governo do estado quanto à gestão da crise sanitária que atinge a escola.

*Na escola, como professora que sou não foi diferente, íamos todos os dias com insegurança e desconfiança. Pedíamos providência ao governo para que as aulas fossem suspensas e enfim, em março de 2020, as atividades presenciais, nas escolas, foram suspensas. (Excerto da carta de Joana).*

Destacamos, ainda, as referências quanto à resiliência e o cuidado com os professores e por parte deles com os demais, embora sejam evidenciadas críticas à rigidez e intolerância verificada durante a gestão dos acontecimentos cotidianos.

*A grande diferença foi mesmo a resiliência e o cuidado por grande parte dos professores (e que sempre foi uma rotina no presencial), que se fez mais surpreendente e nos deixou num cenário um pouco mais otimista. A rigidez e a intolerância, práticas e pontuações negativas, dificuldade em iniciar vínculo e orientar os alunos não ajudaram em nada nesse momento de aprendizagens tão diferenciada e de vínculos tão frágeis e sim, contribuiu para aumentar ainda mais essa exclusão que tanto criticamos e agimos para combater. (Excerto da carta de Flavia).*

Observamos, ainda, vestígios de que o uso da tecnologia jamais substituirá o professor nem suas atitudes de acolhimento e empatia nas relações com os estudantes. Além disso, Flávia registra que as atividades desse período foram momentos de aprendizagem e planejamento:



*As palavras resiliência, acolhimento e empatia saíram das nossas orientações aos educandos e se fizeram cada vez mais presentes na nossa prática pedagógica num momento que deixou claro que a tecnologia jamais substituirá o valor do professor. Aprendemos muito sobre as condições concretas de estudo e nada foi feito só por fazer, mas com intencionalidade de aproximar cada vez mais nossos alunos da nossa escola. (Excerto da carta de Flavia).*

Tendo em conta a fala da interlocutora Flávia, certamente é importante dar ênfase ao fato de que realmente a tecnologia não irá ocupar o espaço do professor, até porque se ela for utilizada apenas como mais um recurso pedagógico, não fará diferença. Destarte, o contexto da Pandemia nos trouxe novas possibilidades de pensar um novo fazer docente, a partir de uma apropriação significativa dos usos das tecnologias nas práticas pedagógicas e o on-line possivelmente não irá substituir a presença do docente, mas se apresenta como um aliado na melhoria dos processos de ensino e aprendizagem.

É pertinente destacar outro registro importante, feito por Moisés, o qual faz uma referência metafórica relacionando o contexto atual com “O diário de Anne Frank”:

*Nunca O diário de Anne Frank, nesses tempos de Covid-19, fez tanto sentido para mim (Excerto da carta de Moisés).*

Nesta perspectiva, podemos entender que a vivência deste contexto de isolamento social provocado pela Pandemia, talvez possa ter servido para que muitos tenham parado para refletir sobre a interdependência dos seres humanos. Somos seres sociais e temos uma rede de relações, de modo que nossas tomadas de decisões, escolhas e atitudes interferem nas nossas vidas e na de outros sujeitos.

Quanto às ações da gestão para o enfrentamento das novas condições impostas pela pandemia, Joana aponta algumas ações, dentre as quais, o auxílio emocional junto aos personagens da escola, uma vez que cada um à sua maneira enfrentava suas próprias dificuldades.

*A segunda ação, formar os professores, muitos estavam despreparados para o trabalho com novas tecnologias, e necessitavam desenvolverem práticas diferenciadas com os alunos. Nas reuniões que realizávamos semanalmente, formamos para o desenvolvimento de roteiros significativos, utilização das plataformas, desenvolvimento de aulas on-line e gravadas entre outros. [...] a terceira ação, e talvez a mais importante, foi a tentativa de um auxílio emocional, todos estávamos e estamos passando por dificuldades, todos ansiosos, nervosos. Professores, pais e alunos, começamos a atendê-los, orientá-los e principalmente, valorizá-los (Excerto da carta de Joana).*

Porém, a referência às autoridades, que interpretamos como autoridades estaduais de primeiro escalão, feita por Joana, aponta que o descaso destes e às informações desconstruídas, levou gestores e docentes em nível local a agirem de forma propositiva junto a professores, pais e alunos no sentido de evitarem maiores danos, tais como o abandono e a ausência de manutenção do vínculo com a escola.

*Ante a falta de humanidade e respeito por parte das autoridades, fizemos do acolhimento aos pais, alunos, professores o nosso propósito pedagógico. Um acolhimento para impedir o abandono e que pudessem sentir capazes de continuar e manter o vínculo com a escola. (Excerto da carta de Joana).*

*A cada dia chegavam informações diferentes e por vezes contraditórias. A coordenação da escola, por vezes, repassava orientações confusas e até conflitantes, o que deixava os professores mais estressados. (Excerto da carta do Moisés).*

As expectativas em relação ao futuro próximo podem ser exemplificadas pelas palavras de Joana, destacando que embora o ciclo (pandemia) não tenha sido superado, existe a esperança da construção de um novo normal.

*Sinto muito por esse relato ainda estar tão atual, sinto muito que o ciclo ainda não finalizou, mas, tenho esperança de dias melhores e hoje, mais maduros e resilientes caminhamos para a construção do novo normal, nos adaptando e superando. Cada dia é um aprendizado e a cada aprendizado um obstáculo vencido. (Excerto da carta de Joana).*

Em face do cenário narrado pelos interlocutores da pesquisa, destacamos alguns apontamentos com relação ao uso de novos recursos (tecnológicos) no exercício da função docente. Referindo-nos a Tardif (2002, p. 31), estes são novos saberes docentes aprendidos em sua prática cotidiana.

Se chamamos de “saberes sociais” o conjunto de saberes de que dispõe uma sociedade e de “educação” o conjunto dos processos de formação e de aprendizagens elaborados socialmente e destinados a instruir os membros da sociedade, então o grupo de educadores é chamado a definir sua prática em relação aos saberes que possuem e transmitem (TARDIF, 2010, p. 30).

Ou seja,

*Nesse processo, nos aproximamos da tecnologia, aprendemos a usar muitas plataformas, muitos programas e outras ferramentas e ao mesmo tempo replicar essas descobertas, pois muitos*

*professores não tinham habilidades tecnológicas essenciais para desenvolver esse processo de trabalho remoto. (Excerto da carta de Joana).*

Em virtude dos relatos narrados, nos permitimos, ainda, citar reflexões de caráter mais geral, mas que sintetizam o sentimento dos professores frente ao complexo quadro com o qual nos defrontamos:

*A Covid-19 mostrou ao humano a sua impotência, não existiram escolhidos. Pobres ou ricos, Ocidente ou Oriente. Chegou devastando nações, os grandes impérios ruíram, passamos a viver práticas de solidariedade e empatia, mas, também, de intolerância e preconceito, principalmente no mundo digital, nas redes sociais. (Excerto da carta de Joana).*

As reflexões apresentadas, neste artigo, a partir das narrativas docentes, através do instrumento "cartas", procuraram buscar compreender o impacto da Pandemia na vida pessoal e profissional dos interlocutores da pesquisa.

Entendemos que o ato de narrar os acontecimentos, as dificuldades e potencialidades vivenciadas no contexto da profissão docente em tempos de pandemia, permitiram reflexões sobre a prática pedagógica, e, ao contar, através da linguagem escrita, este interlocutor constrói e reconstrói o seu processo de organização do pensamento e, conseqüentemente, a aprendizagem através da sua própria experiência.

Nessa linha de pensamento, Cunha (1997) defende a ideia de que os trabalhos com narrativas são importantes estratégias formadoras de consciência emancipadora e têm caráter profundamente formativo, pois, à medida que o sujeito da pesquisa relata os fatos vividos por ele, ao mesmo tempo em que organiza suas ideias, reconstrói sua experiência de forma reflexiva, processo esse que possibilita a análise crítica de si próprio, o que gera aprendizado e a possível transformação sobre a sua própria prática.

É o que observamos em um trecho da carta da Joana:

*Cada dia é um aprendizado e a cada aprendizado um obstáculo vencido. Obrigada pela oportunidade de refletir e falar um pouco sobre esse marco em nossas vidas. (Excerto da carta da Joana).*

Para Benjamin (1993), o narrador quer ser ouvido e perpetuar suas vivências e experiências e o ouvinte/entrevistador quer conservar e interpretar o narrado. Em sua obra "O Narrador", aborda o fim da narração e o declínio da experiência; escreve, ainda, que são cada vez mais raras pessoas que sabem narrar devidamente, isso porque, segundo ele, as ações da experiência estão em baixa e a difusão da informação está em alta. Os verdadeiros narradores

apresentam um senso prático, uma dimensão utilitária para seus relatos que através das suas experiências são homens que sabem dar conselhos. Nessa perspectiva, conselho se aproxima de sabedoria. E arte de narrar está desaparecendo porque a sabedoria está em extinção. Para Benjamin:

O narrador figura entre os mestres, e os sábios. Ele sabe dar conselhos. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida... Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo (BENJAMIN, 1993, p. 221).

Na visão do autor, “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (BENJAMIN, 1993, p. 213). Assim, a narrativa ou o ato de contar e ouvir uma experiência envolve um estar-com-no-mundo, uma relação de intersubjetividades, que se dá num universo de valores, num passado que se articula com o presente e apoiado numa situação que reflete, revela o mundo em que esses sujeitos estão inseridos.

No cruzamento das narrativas e o entrelaçar das experiências docentes pandêmicas, compreendemos o sentimento de instabilidade da profissão, com preocupações latentes sobre como serão os rumos da educação frente à necessidade repentina de inserção da escola e do trabalho docente na era das tecnologias digitais e midiáticas, assim como a sensação de liquidez dos ambientes que hoje configuram espaços formativos e escolares. Podemos evidenciar tais inquietações em um trecho da carta de Moisés:

*A pedido da escola, precisei disponibilizar o número de WhatsApp para os alunos. A escola criou um grupo para cada sala. Quando eu acordava, logo de manhãzinha, havia uma infinidade de mensagens da coordenação, dos pais e alunos. O WhatsApp que, antes, era algo tão particular, agora, passou ao domínio dos alunos. (Excerto da carta de Moisés).*

Destarte, entendemos que um dos desafios impostos ao trabalho docente pela nova realidade do ensino remoto e híbrido no contexto pandêmico se refere à percepção da complexidade dos espaços/tempos escolares. E que talvez, será preciso ressignificar o que até então entendíamos como espaço educacional, rompendo com a mentalidade de localização fixa, e será preciso pensarmos em novas possibilidades dos modos de se fazer educação.

## 5. Resultados e discussões

De modo geral, as narrativas docentes analisadas desvendam algumas dimensões importantes no seu conjunto, dentre as quais destacamos:

- Dificuldades no uso e apropriação das tecnologias digitais e midiáticas no cotidiano dos docentes, estudantes e familiares.

Dentre os excertos que destacamos no texto, podemos perceber alguma angústia e insegurança com relação à utilização das tecnologias digitais. Entendemos que tais sentimentos derivam da falta ou do pouco domínio desses instrumentos, bem como da dificuldade em lidar com a carência e os obstáculos de acesso a esses recursos por parte dos estudantes e familiares.

- Reflexões iniciais sob o significado de ensinar e aprender do docente no contexto atual.

Essas reflexões nos remetem a questões relativas à formação inicial e em serviço. Talvez um dos grandes obstáculos a serem superados seja essa deficiência na formação dos professores no que diz respeito a habilidades para o uso das ferramentas tecnológicas e conciliação com atividades relativas ao ensinar e aprender no espaço escolar. Não podemos desconsiderar também fatores materiais, ou seja, a dificuldade de acesso a equipamentos adequados pelo professor e a falta desses equipamentos na unidade escolar.

- Importância de valorização do papel docente como mediador e flexibilizador dos processos de ensino e aprendizagem.

A tecnologia, por mais importante que seja, não substitui o papel do professor. As inquietações, as inseguranças e os receios impostos pelo distanciamento social derivam também da pouca valorização ao trabalho docente. O excerto da carta de Moisés sintetiza esse tema:

*Em 2007, peguei as minhas primeiras aulas de substituição na Escola Estadual Marietta Ferraz de Assumpção. Não obstante, eu recebia apenas pelo dia trabalhado, a pontuação era menor, devido a essas aulas serem atribuídas na própria escola. Mais tarde, consegui algumas aulas de substituição em um colégio particular. Havia um professor de língua inglesa que faltava muito, o professor e a escola pediram para que eu substituísse esse professor. (Excerto da carta de Moisés).*

Se consideramos que a insegurança funcional aliada à introdução abrupta da educação a distância e todas as dificuldades instrumentais ligadas a este novo modo de ensinar e aprender, podemos supor os grandes desafios com os quais o professor se defronta.

- Sentimentos de empatia e resiliência humana.

Como parte das aprendizagens vivenciadas no contexto da comunidade escolar, observamos a inserção de novos vocábulos no discurso docente: empatia e resiliência, conforme destacado no excerto da carta de Flávia, exposto anteriormente.

O isolamento social e os sentimentos de fragilidade humana podem ter proporcionado reflexões sobre o sentido da vida, sobre o que realmente importa – a presença. Escolhas, pertencimentos, ideais, emoções, afetividades, imaginários e subjetividades foram revistos.

*O distanciamento social vem obrigando as pessoas a conviverem com elas mesmas, o que não é fácil. Há dias em que eu luto para não cair em uma terrível depressão. Sinto que meu orientador, já idoso, sente a necessidade de enviar qualquer coisa no grupo de WhatsApp, nesses tempos, apenas para ter com quem conversar. (Excerto da carta de Moisés).*

A estranheza do mundo em meio à uma pandemia trouxe para muitas pessoas a estranheza de si, um mergulho interior permitindo aos sujeitos uma (re) interpretação de si e sentido da vida. Ressignificar concepções, posições assumidas, senso de coletividade e a compreensão de que vivemos em uma complexa rede de relações.

*Lembro-me que em dezembro de 2019, corrigindo algumas avaliações, sentada, na sala, em frente à televisão, escutei uma reportagem sobre um vírus que havia sido descoberto na China e na mesma hora, ainda envolvida com as avaliações, pensei "ufa, lá na China". Pensamento bobo, após alguns meses, estávamos vivendo algo inimaginável. Máscaras, luvas, álcool, remédios, práticas caseiras e sem eficácia comprovada, tentativas frustradas de nos distanciarmos do contágio. (Excerto da carta da Joana).*

- Reflexão sobre os recursos midiáticos

Ainda há que se considerar que esse novo contexto permite-nos pensar sobre como adequar tais recursos como possibilidades de se romper com as barreiras físico/geográficas, assim como o entendimento de que a sala de aula pode ser onde eu estou.

## 6. Considerações finais

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos



privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1987, p. 197).

Iniciamos estas considerações com uma referência a Walter Benjamin, notório defensor da narrativa, sugerindo que ela possibilita a preservação da memória e da identidade. Neste artigo, buscamos através dos fatos relatados por nossos interlocutores, suas reflexões sobre a temática os desafios, as aprendizagens e as subjetividades docentes no contexto da pandemia 2020.

A metodologia utilizada se baseou na pesquisa narrativa, através do instrumento "carta", por ser um gênero que torna cabível a comunicação a distância, e que permite ao sujeito que narra um recordar das experiências vividas, nas quais pode organizar ideias e pensamentos, o que possibilita (e potencializa) reflexões e aprendizagens sobre sua prática docente.

Finalmente, e levando em consideração os limites do recorte estabelecido para este artigo, ou seja, as impressões recolhidas nas cartas que recebemos de nossos interlocutores, todos professores em exercício na rede pública de ensino de São Paulo, nos permitem inferir que tais docentes vivenciam inúmeras dificuldades frente a esse quadro dramático com o qual nos defrontamos, mas de alguma forma buscando alternativas para a superação de inúmeros obstáculos na tentativa de sobrevivência pessoal e profissional, de modo a garantir os vínculos da população estudantil com a escola.

Levando em consideração os resultados obtidos, podemos compreender, de modo geral, que o on-line não substitui a presença dos sujeitos docentes e estudantes, a importância do contato social e a valorização da escola como um lugar de troca, de convivência e de alegria. As expectativas são positivas para o desfecho dessa pandemia e as práticas futuras no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197-221.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Uma forma narrativa privilegiada na pesquisa: a carta. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza et ali (Orgs.). **Narrativas, formação e trabalho docente**. Curitiba: CRV, 2018.

CUNHA, Maria Isabel. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, São Paulo, jan./dez. 1997.

GOMES, Alberto Albuquerque. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. In: **EccoS – Revista científica**. São Paulo, v. 7, p. 275-290. Jul./dez. 2005. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/417>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MODELSKI, Daiane; GIRAFFA, Lúcia M. M.; CASARTELLI, Alam de Oliveira. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, 2019.

NÓVOA, Antonio. Profissão professor. NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999.

SAVELI, Esméria de Lourdes. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES: um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br>. Acesso em: 06 ago. 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Recebido em: 21 de abril de 2022.  
Aceito em: 18 de outubro de 2022.  
Publicado em: 31 de janeiro de 2023.